

A SALA DE AULA INVERTIDA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

FEIRA DE SANTANA/BA JUNHO/2019

ANA CONCEIÇÃO ALVES SANTIAGO - UNEB - pedagoga.anasantiago@gmail.com
MARY VALDA SOUZA SALES - UNEB - maryssales@gmail.com
LORENA PAIM MOURA - UNEB - lorenapaim@hotmail.com
LÍGIA PAOLILO CARDOSO NETA - UNEB - ligiapaolilo@gmail.com
DIÊGO ARIC CERQUEIRA SOUZA E CRUZ - UNEB - aric.diego1@gmail.com

Tipo: Investigação Científica (IC)

Natureza: Planejamento de Pesquisa

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

O CONTEXTO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO TEM BUSCADO NOVOS CAMINHOS QUE DEEM SENTIDOS E SIGNIFICADOS AO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER, ATENDENDO ASSIM AS NOVAS DEMANDAS DA SOCIEDADE. NESSE SENTIDO, AS TECNOLOGIAS DIGITAIS TÊM TRANSFORMADO RELAÇÕES, FORMAS DE CONSTRUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE CONHECIMENTOS, BEM COMO A CAPACIDADE DE CRIAR E INOVAR TEM SE TORNADO CONCEITOS-CHAVE NESSA CONJUNTURA. NESSE CONTEXTO, AS METODOLOGIAS ATIVAS DA APRENDIZAGEM, QUE TÊM COMO FOCO PRINCIPAL COLOCAR ALUNO COMO CENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, BUSCAM CONSTRUIR MODELOS PEDAGÓGICOS QUE PRIMAM PELA FORMAÇÃO DE SUJEITOS AUTÔNOMOS E CRIATIVOS, A PARTIR DE UM PROCESSO COLABORATIVO E COOPERATIVO. SENDO ASSIM, QUESTIONA-SE: DE QUE FORMA O USO DA SALA DE AULA INVERTIDA, ENQUANTO METODOLOGIA ATIVA, PODE POTENCIALIZAR AS NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER EM UMA TURMA DE PEDAGOGIA? ESTAS METODOLOGIAS BUSCAM CRIAR SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM EM QUE OS ALUNOS COLOCAM O CONHECIMENTO EM AÇÃO, PENSEM E CONCEITUEM O QUE FAZEM, CONSTRUAM CONHECIMENTOS A PARTIR DO ENVOLVIMENTO ATIVO COM A ATIVIDADE. O OBJETIVO PRINCIPAL DESTE ESTUDO É ANALISAR AS POTENCIALIDADES DA SALA DE AULA INVERTIDA COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PAUTADA EM NOVAS FORMAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM UMA TURMA DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB. POR CONTA DA ESPECIFICIDADE DO ESTUDO, SERÁ REALIZADO UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA, COMO POSSIBILIDADE DE FAMILIARIZAR-SE COM O PROBLEMA A SER PESQUISADO, UTILIZANDO ASSIM, DO ESTUDO DE CASO. PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO, TORNA-SE IMPRESCINDÍVEL DIALOGAR COM OS SEGUINTE AUTORES SALES (2013); BERGMANN E SAMS (2018); VALENTE, ALMEIDA E GERALDINI (2017); HORN E STAKER (2015); CHAQUIME E MILL (2018). O QUE SE PROPÕE É A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS, A PARTIR DA INOVAÇÃO HÍBRIDA, QUE SE CONTRAPONHAM À UMA METODOLOGIA EXPOSITIVA E DEFENDAM ESTRATÉGIAS QUE LEVEM OS ESTUDANTES A PARTICIPAREM ATIVAMENTE E SE RESPONSABILIZEM POR SUA APRENDIZAGEM, DA QUAL É SUJEITO.

Palavras-chave: SALA DE AULA INVERTIDA; METODOLOGIAS ATIVAS; ENSINO HÍBRIDO; FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA.

1 INTRODUÇÃO

Com a expansão da internet e das tecnologias digitais em diversas áreas da sociedade atual, observa-se a inserção cada vez maior dos recursos digitais no contexto educacional, “permitindo que novas práticas ampliem antigas possibilidades” (TORREZZAN e BEHAR, 2009, p. 33).

Nesse contexto, a educação vive um momento de transição, no qual não existem mais saberes absolutos e a simples reprodução de conteúdo não é mais suficiente para contemplar acontecimentos emergentes. Frente a essa nova realidade, as tecnologias digitais vêm sendo aplicadas em contextos educacionais, com a intenção de possibilitar e contextualizar diversas aprendizagens.

As conexões com as tecnologias digitais fazem surgir experiências pedagógicas inovadoras transformando o ambiente escolar em ambientes abertos, cognitivos, colaborativos e exploradores de um outro mundo. Fazem emergir ambientes ricos em imagens, linguagens, discursos e signos que constituem o ser humano em construção, um constante refazer (DELCIN, 2005).

As tecnologias e os recursos digitais têm transformado os processos de socialização e produção de saberes, permitindo que novas práticas, aplicadas em diferentes áreas do conhecimento, especificamente na área da educação, possibilitem novos de conhecer e novas formas de pensar.

A inserção das Tecnologias Digitais (TD), no contexto educacional, constitui-se um desafio, pois com essas tecnologias a produção e disseminação de informações foram ampliadas provocando mudanças na socialização e produção de novos saberes, e assim trouxe mudanças na forma de ensinar e aprender.

Para se construir uma prática pedagógica baseada na Sala de Aula Invertida, é necessário pensar em processo interativo que envolva planejamento, situações de aprendizagens que elaboram os processos de construção do conhecimento. Sendo assim, questiona-se: De que forma o uso da Sala de Aula Invertida, enquanto metodologia ativa, pode potencializar as novas formas de ensinar e aprender? Nesse ínterim, a intenção maior deste estudo é analisar as potencialidades da Sala de Aula Invertida como uma prática pedagógica pautada em novas formas de ensino e aprendizagem.

É imprescindível pensar na a construção de uma práxis pedagógica imbricadas com

esses recursos digitais e que estejam centradas, principalmente, na aprendizagem do aluno. Tornando-se necessário realizar investigações e observações que sinalizem caminhos para a construção de uma aprendizagem baseada na Sala de Aula Invertida, a partir da análise de uma prática educativa coerente com as necessidades atuais de ensinar e aprender, articuladas aos princípios que norteiam a relação entre o uso das tecnologias, metodologias ativas, educação híbrida, e as concepções de conhecimento e de educação implicadas nesse processo.

2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS DA APRENDIZAGEM

O contexto educacional contemporâneo tem buscado novos caminhos que deem sentidos e significados ao processo de ensinar e aprender, atendendo assim as novas demandas da sociedade. Nesse sentido, as tecnologias digitais têm transformado relações, formas de construção e disseminação de conhecimentos, bem como a capacidade de criar e inovar tem se tornado conceitos-chave nessa conjuntura.

Com o desenvolvimento das TDIC tornou-se necessário repensar as metodologias de aprendizagem, conseqüentemente, as práticas pedagógicas. Práticas que tenham o aluno como sujeito da própria aprendizagem, que levem em consideração os conhecimentos prévios destes, e que a colaboração seja premissa básica neste processo.

A colaboração acontece em espaços compartilhados, onde existe a construção, a troca e a inserção de informações pelos sujeitos possibilitam à construção social do conhecimento.

A ação de colaboração dos diferentes atores do processo de aprendizagem colaborativa caracteriza-se pela coautoría, na medida em que a participação na construção do conhecimento ocorre em uma perspectiva não hierárquica. Isso quer dizer que vários sujeitos articulam uma narrativa sem que haja preponderância de nenhum discurso sobre o outro, ou seja, não há prioridade de autor, de tempo ou de espaço (APARICI e ACEDO, 2010, p 142).

Aprender colaborativamente possibilita um aprendizado em grupo, organizado de forma que as trocas de informações sejam socialmente estruturadas entre o indivíduo e o grupo no qual está inserido, e onde cada sujeito é responsável pela construção do conhecimento individual e também coletivo. Pois, “colaborar significa construir conhecimento com objetivos comuns e compartilhados de maneira interativa coletiva” (SALES, 2013, p. 154).

Nesse contexto, as metodologias ativas da aprendizagem, que têm como foco principal

colocar aluno como centro do processo de aprendizagem, buscam construir modelos pedagógicos que primam pela formação de sujeitos autônomos e criativos, a partir de um processo colaborativo e cooperativo. As metodologias ativas são caracterizadas

Como estratégias pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, contrastando com a abordagem pedagógica do ensino tradicional, centrada no professor, que transmite informação aos alunos. O fato de elas serem caracterizadas como ativas está relacionado com a aplicação de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas, nas quais eles são protagonistas da sua aprendizagem (VALENTE, ALMEIDA e GERALDINI, 2017, p. 463).

Estas metodologias buscam criar situações de aprendizagem em que os alunos colocam o conhecimento em ação, pensem e conceituem o que fazem, construam conhecimentos a partir do envolvimento ativo com a atividade.

A incorporação das TDIC no processo de ensino e aprendizagem potencializou o desenvolvimento de metodologias ativas mais enriquecidas, como exemplo, tem-se a educação híbrida, que “do ponto de vista da formação [...], essa noção de metodologias ativas pode ser explorada, especialmente porque fomenta a autonomia e a liberdade do educando [...]” (CHAQUIME e MILL, 2018, p. 442). E como proposta de inovação híbrida, temos a Sala de Aula Invertida (*flipped classroom*), que pode ser conceituada como

Um modo de configurar o e-learning, no qual o conteúdo e as instruções são estudados a distância (on-line), antes de o aluno frequentar a sala de aula, que agora passa a ser o local para trabalhar os conteúdos já estudados anteriormente, realizando atividades práticas como resolução de problemas e projetos, discussão em grupo, laboratórios, etc. (VALENTE, 2018, p. 571).

Nessa abordagem, o aluno deve estudar antecipadamente os conteúdos disponibilizados e preparar-se para os encontros presenciais, em que a sala de aula se torna o lugar de aprendizagem ativa e significativa. Assim, os docentes devem propor atividades mais interativas, que possibilite o desenvolvimento de novas habilidades. Pois, a Sala de Aula Invertida “possibilita a organização das sequências de atividades de maneira mais adequada às necessidades do aluno, conciliando momentos de auto estudo – autônomo, respeitando o ritmo individual – com momentos de interação presencial” (SUHR, 2015, p. 5).

3 SALA DE AULA INVERTIDA: “NOVAS” PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM

A proposição da Sala de Aula Invertida deve se tornar um lugar onde os estudantes confrontem e questionem o que compreenderam do conteúdo, a partir dos exercícios de aprendizagem ativa, e principalmente, os que são realizados em grupo.

Os conteúdos dos cursos são disponibilizados usando recursos pesquisáveis on-line [...], e o tempo em sala de aula é exclusivamente dedicado para projetos em grupos, as trocas com o professor e entre os pares, com exercícios práticos e outras atividades de colaboração^[1]

Para tanto, as atividades em classe não devem ser organizadas seguindo a lógica de uma aula meramente expositiva e sim, possibilitar aos estudantes a resolução de situações problemas com base nos conteúdos estudados de forma autônoma. Assim, quando os alunos buscam resolver essas situações problemas, eles perceberão quais as dificuldades e dúvidas terão frente ao conhecimento e buscarão solucioná-los com o apoio do professor, dos colegas ou mediante novas pesquisas.

O tempo em sala de aula não é mais gasto assimilando conteúdo bruto, um processo amplamente passivo. Em vez disso, enquanto estão na escola, os estudantes praticam resolução de problemas, discutem questões ou trabalham em projetos (HORN e STAKER, 2015, p. 43).

O que se propõe é a utilização de metodologias ativas, a partir da inovação híbrida, que se contraponham à uma metodologia expositiva e defendam estratégias que levem os estudantes a participarem ativamente e se responsabilizem por sua aprendizagem, da qual é sujeito. “A aprendizagem é efetiva tão somente quando parte do sujeito que se movimento sobre suas ideias e concepções ao interagir com o mundo” (NEVADO, CARVALHO e MENEZES, 2009, p. 85).

Nesse sentido, o aluno assume uma postura protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Ao utilizar práticas e abordagens potencialmente inovadoras, a instituição educacional levaria este estudante a refletir e compreender melhor à realidade, e assim dará mais sentido e significado aos referenciais teóricos estudados no(s) componente(s) curricular(es).

O contexto educacional tem sido uma área de emergência, principalmente no que se refere a constituição de novos ambientes e cenários de formação docente, e no âmbito do Ensino Superior, no curso de formação de professores, o uso das TDIC deve pressupor o “preparo do aluno-professor para viver a experiência de mudança na educação que ele irá proporcionar aos alunos” (Ibidem, p. 86).

Com o fluxo intenso de informações e mudanças que têm configurado a instabilidade de saberes, os professores deverão, cada vez mais, enriquecer constantemente as competências, reduzindo as demarcações entre o período de formação e o período profissional.

A possibilidade inovadora da proposta se viabilizará à medida que se processe o abandono, pelos docentes do curso e pelos próprios alunos-professores, da ideia de domínio sobre os respectivos campos do saber e sobre os

espaços próprios de atuação (NEVADO, CARVALHO e MENEZES, 2009, p. 90).

As inovações na educação consistem, principalmente, na revisão de processos formativos, a partir da utilização das tecnologias digitais, fomentando o deslocamento das ações diretivas para o uso de estratégias problematizadoras, interativas e colaborativas.

Assim, o uso das tecnologias digitais pode contribuir para a construção de um novo espaço de ensino e aprendizagem que fomente a criatividade e colaboração. De acordo com Nascimento e Hetkowski (2009, p. 150), as tecnologias “podem auxiliar a busca de novos sentidos para estabelecer práticas comunicativas potencializadoras nas redes de relações, sendo que estas comportam as vivências e a multiplicidade de linguagens”.

Nesta perspectiva, essas tecnologias proporcionam a interação e a comunicação entre os diferentes sujeitos, favorecendo o acesso às informações diversificadas, potencializando a troca de experiências e compartilhamento de conhecimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das TD no contexto educacional possibilita um novo repensar das metodologias para o ensino e aprendizagem, no papel do aluno e do professor, o que torna imprescindível (re)significar as práticas pedagógicas. Neste sentido, a SAI se constitui como uma nova abordagem educacional que dá sentido e significados a estas práticas, possibilitando que o aluno se torne sujeito da sua própria aprendizagem, uma aprendizagem colaborativa, investigativa e ativa.

Assim, a proposta central desse estudo não foi caracterizar a SAI como uma técnica, mas conceitua-la como uma abordagem que combina as metodologias ativas e o engajamento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Quando o professor opta em fazer uso da SAI, ele se predispõe a romper com um modelo de ensino tradicional, na qual a comunicação é rígida e monológica, e propõe, assim, a criação de novos espaços de aprendizagem que propiciam a formação de sujeitos mais (cri)ativos, participativos e autônomos.

REFERÊNCIAS

APARICI, Roberto; ACEDO, Sara Osuna. Aprendizagem colaborativa e ensino virtual: uma experiência no dia-a-dia de uma universidade à distância. In: SILVA, Marco;

PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (orgs.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 137-156.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução a teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2010.

CHAQUIME, Luciane Penteado; MILL, Daniel. Metodologias ativas. In.: MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018. p. 441-443.

DELCIN, R. C. A. A metamorfose da sala de aula para o ciberespaço. In: ASSMANN, H. (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 56-83.

GUILBAULT, **Marco**; VIAU-GUAY, **Anabelle**. La classe inversée comme approche pédagogique en enseignement supérieur: état des connaissances scientifiques et recommandations. *Revue internationale de pédagogie de l'enseignement supérieur* [En ligne], 33-1 | 2017, mis en ligne le 06 mars 2017, consulté le 10 septembre 2017. URL : <http://ripes.revues.org/1193>

HORN, Michael B. STAKER, Heather. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

NEVADO, Rosane Aragón; CARVALHO, Marie Jane Soares. MENEZES, Crediné Silva de. Metarreflexão e a construção da (trans)formação permanente: estudo no âmbito de um curso de pedagogia a distância. In.: VALENTE, José Armando; BUSTAMANTE, Silvia Branco Vidal (orgs.). **Educação a distância**: prática e formação do profissional reflexivo. São Paulo: Avercamp, 2009.

SALES, Mary Valda. **Tessituras entre mediação e autoria nas práticas de currículo na formação a distância**: a construção do conhecimento no contexto universitário. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SUHR, I. **Implantação de cursos semipresenciais usando a metodologia da Sala de Aula Invertida**: limites e possibilidades a partir do olhar dos professores. XII Congresso

Nacional de Educação: EDUCERE. Curitiba, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/anais/p1/trabalhos.html?q=Implanta%C3%A7%C3%A3o+de+cursos+semipresenciais+usando+a+metodologia+da+sala+de+aula+invertida%3A+limites+e+possibilidades+a+partir+do+olhar+dos+professores> Acesso 08 de agosto de 2018

TORREZZAN, Cristina A. W.; BEHAR, Patricia Alejandra. Parâmetros para a construção de materiais educacionais digitais do ponto de vista do design pedagógico. In.: BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: ARTMED, 2009. p. 33-65.

VALENTE, José Armando. Sala de Aula Invertida. In.: MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018. p. 571-574.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Flogi Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 17, n. 52, p.454-478, 26 jun. 2017. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416x.17.052.ds07>. Disponível em: . Acesso em: 04 jul. 2018

[1] Definição de Sala de Aula Invertida pela Université de Sherbrook (2011 apud GUILBAULT, **Marco**; VIAU-GUAY, **Anabelle**. La classe inversée comme approche pédagogique en enseignement supérieur: état des connaissances scientifiques et recommandations. **Revue internationale de pédagogie de l'enseignement supérieur** [En ligne], 33-1 | 2017, mis en ligne le 06 mars 2017, consulté le 10 septembre 2017. URL : <http://ripes.revues.org/1193>